

EXPERIÊNCIA ARAPOTI - EDUCAÇÃO, COMUNIDADE E MEMÓRIA COLETIVA TECENDO UMA NOVA EDUCAÇÃO

Carolina Thaís Amaral Rodrigues¹
Rosane Kohl Brustolin²
Gabriela Pinheiro Slaviero³

RESUMO

O relato traz a experiência pedagógico-vivencial manifestada entre 2016 e 2020, em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul: a Casa Arapoti - Educação e Desenvolvimento Humano. Tratava-se de um espaço físico, educativo, para todas as idades. Seu propósito era potencializar os dons dos participantes, através do exercício de dialogicidade, empatia, liberdade de ser. Além de cursos e práticas para adultos, havia o Jardim Tiê - creche parental, para crianças de dois a quatro anos - e a Educação Poti – contraturno de cinco a doze anos. Atualmente, as autoras revitalizam o Projeto, sob a forma de Comunidade de Aprendizagem. Reconstrói-se um espaço de participação coletiva, diálogo e cooperação que envolve adultos e crianças. Onde todos aprendem juntos e criam novas formas de ser e educar em fraternidade. Dessa forma, nos propomos a tecer uma trama entre passado e presente, trazendo a análise de falas da Comunidade, recentemente coletadas, que relatam sensações e memórias das vivências na Arapoti. Para isso, buscamos a sustentação teórica de Humberto Maturana, Gerda Verden-Zoller, DÁvila, Paulo Freire, Deleuze, Leonardo Boff, Ailton Krenak. Estes irão referendar nossas reflexões acerca das histórias e narrativas que contaremos através de quem, efetivamente, viveu e se transformou nessas convivências. Pretendemos mostrar que a Casa Arapoti e, o que agora emerge dela, a Comunidade de Aprendizagem, mesmo distanciados em meia década na linha do tempo, são organismos vivos de aprendizagem comunitária. Onde famílias, educadores e crianças teceram e tecem, juntos, um modo de educar baseado na confiança, pertencimento e afeto. Este artigo é um relato de experiência que busca cartografar uma paisagem humana. Ele narra, a partir da memória e da voz de quem viveu, como conceitos como convivência, amorosidade e memória coletiva se tornaram o próprio currículo invisível e mais potente da iniciativa.

Palavras-chave: Educação, Desenvolvimento Humano, Comunidade, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente relato revisita uma experiência do passado – a Casa Arapoti, espaço físico de Educação e Desenvolvimento Humano – e dialoga com sua reconstituição atual – a Comunidade de Aprendizagem Arapoti, através de uma pesquisa-narrativa. Pensa-se sobre as significâncias do antigo projeto Casa Arapoti para, assim, ressignificá-lo no presente e reconstruí-lo no futuro.

¹ Graduada em Licenciatura em História pela Universidade de Caxias do Sul - UCS, e graduanda em licenciatura em Pedagogia pela UNIFAHE carolinarodrigues488@gmail.com;

² Graduada em Matemática pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Mestra em Educação pela Universidade de Caxias do Sul - UCS rosanebrustolin@yahoo.com.br ;

³ Graduada em Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade de Caxias do Sul - UCS gpslaviero@ucs.br .



Essas narrações são feitas por quem viveu o Projeto no passado, em seu funcionamento físico primário, e demonstram como a experiência vivida coletivamente na Casa Arapoti deixou marcas em suas identidades. Como afirmam Machado e Monteiro (2015): “(...) bens culturais fazem parte da memória, são parte integrante das narrativas do passado, e, portanto, contribuem para a formação de identidades, ou seja, permitem-nos estabelecer elos de pertencimento com os nossos antepassados” (p.14).

A Casa Arapoti foi um espaço de educação não formal, comunitária, sem fins lucrativos, com a missão de oferecer desenvolvimento integral do ser, a nível bio-psico-social-cognitivo-humano-moral-ambiental-espiritual. Era gestada por uma Associação, denominada Mudita⁴. Sua origem se deu através de famílias com crianças pequenas, que queriam construir um lugar mais gentil, humanizado e conectado com a natureza para seus filhos. A tríade que ancorou a atuação na Casa era composta por: Centro Cultural que dava suporte pedagógico à casa, orientando as modalidades Tiê e Poti⁵ - através de cursos - realizava eventos, vivências e práticas de autoconhecimento; Jardim Tiê, que acolhia crianças de dois a quatro anos, organizado como creche parental; Educação Poti, com crianças a partir de quatro anos, que funcionou como contraturno escolar.

Além dessa dimensão formativa do Centro Cultural, ressalta-se que, em tantas outras dimensões, tudo era educativo na Casa Arapoti: a participação cotidiana das famílias, a horta construída coletivamente, a alimentação mais natural e orgânica possível, a riqueza de materiais não-estruturados, as assembléias e espaços de decisões coletivas.

Em março de 2020, por conta da pandemia do coronavírus, a Casa Arapoti encerrou suas atividades como espaço físico.

Nesses cinco anos que se passaram, ressonâncias do poder da união e das aprendizagens construídas durante o funcionamento da Casa se manifestam. O sonho insistia em voltar a ser vivido. Continuava pulsante, através da práxis adotada em outros espaços. Um modo alternativo de viver e educar se conservava.

A maneira de conviver [...] é fundamentalmente definida pela configuração do emocionar. Este, por sua vez, determina a rede de conversações que é vivida como o domínio específico de coordenação de coordenações de ações e emoções, que constitui essa cultura como modo de convivência. (MATURANA e VERDENZÖLLER, 2004, p.14)

⁴ Termo de viés Budista, que significa *Alegria Altruísta*.

⁵ Tiê, na língua indígena tupi-guarani, significa “pássaro pequeno”. Poti é o diminutivo que usávamos para Arapoti e para o qual não foi encontrado um significado especial na referida língua.



Funda-se então, a Comunidade de Aprendizagem Arapoti, nutrida pela convivência e contribuição de todas e todos. Essa Comunidade se ancora nos seguintes eixos: encontros de convivência; comunicações em redes sociais; estudos bibliográficos; publicações acadêmicas; participação em congressos e seminários; projetos para famílias e crianças (em fase de planejamento).

Ressalta-se o vigor da vida, que pulsa em memórias e reencontros presenciais. Adultos e crianças relatam o vivido na Casa Arapoti. São esses relatos, colhidos desde janeiro do corrente ano, que usamos aqui, e cuja intensidade de vida e aprendizado buscamos captar. São as narrativas de quem, efetivamente, viveu e se transformou nessas convivências. Analisa-se, seleciona-se e destaca-se a importância dessas memórias, e como estas fundamentam profundamente a identidade das pessoas que vivenciaram e construíram juntos a Casa Arapoti.

Afirma-se que a Casa Arapoti cumpria, no seio de sua função mais primordial, a nobre missão do resgate da essência humana. De dar luz a novos propósitos, como “salvaguardar o planeta e assegurar as condições de desenvolvimento e co-evolução do ser humano rumo a formas cada vez mais coletivas, mais interiorizadas e espiritualizadas de realização da essência humana” (BOFF, 1999, p.27), propósitos estes que encontram suas raízes em diversas e plurais tradições culturais e espirituais, advindas desde os povos originários, até de nossas avós e bisavós imigrantes.

Apesar de estar em um processo inicial de ressignificação, o projeto já mostra sua força através da recursividade na convivência: a alegria do reencontro, a fraternidade nas relações, a coesão da rede de pessoas que se ajudam em diversos aspectos da vida cotidiana, o desejo de aprender em mutualidade.

É preciso ter esperança, mas esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (FREIRE, 1992, p.110-111)

METODOLOGIA

Este artigo é um relato de experiência que busca cartografar uma paisagem humana. Nos atuais reencontros, falas recorrentes que nos chegaram em cinco anos, emerge a vontade



de registrar nossa memória coletiva, aprendizados e cultura comunitária, dando voz, quiçá, a um desejo muitas vezes expresso em vozes da Comunidade, de uma revitalização do projeto.

Já antevendo a possibilidade de uma escrita, nos lançamos à pesquisa, coletando materiais audiovisuais de pessoas diferentes e com atuações diferentes da Casa Arapoti. Nos valemos da voz de quem viveu a Casa: os adultos e as crianças arapotianas.

A narração dos participantes se instrumentaliza através de entrevistas semiestruturadas, coletadas nos últimos meses e registradas através de vídeos e transcrições. Lançamos a proposta de livre adesão a essa narrativa a cerca de uma dezena de famílias Arapoti, dando a possibilidade de retorno por vídeos de até um minuto para educadoras, pais, mães e estudantes da Casa, nas modalidades Jardim Tiê e Educação Poti. Obtivemos retorno de oito vídeos.

Entre as pessoas que narram essa experiência na atualidade, contribuindo com essa pesquisa, estão: as antigas crianças Tiê e Poti, Ísis (hoje com 14 anos), Helena (16 anos), Luíza (11 anos) e Manuela (11 anos); as mães Aline e Ilza; as educadoras-gestoras e autoras da presente pesquisa, Rosane, Carolina e Gabriela. Ressalta-se que, por um tempo, mãe Aline também foi educadora na Casa, oferecendo seus dons nas artes, teatro e yoga.

Realizadas as transcrições, essas são selecionadas, analisadas e expressam os significados dessa vivência na dimensão pessoal dos envolvidos da Comunidade. Durante esse processo de pesquisa, pergunta-se: houve significância na experiência da Casa Arapoti? De que forma?

Norteadas pelas questões geradoras da pesquisa, passamos a construir, junto às narrativas, o diálogo com os teóricos que consideramos congruentes com o fluxo da vida que se mostrou na Casa Arapoti (e que, agora, se mostra vivo em memórias e integrante de novas possibilidades de construção).

Sabe-se que esses resultados e discussões irão ancorar a revitalização do Projeto como Comunidade de Aprendizagem.

DEVIR, MEMÓRIA, AMOROSIDADE: CONCEITOS E CONVIVÊNCIAS DA COMUNIDADE ARAPOTI

Concordando (em partes) com a dimensão platônica de puro devir, Deleuze (2007) conceitua:

[...] um puro devir, sem medida, verdadeiro devir louco que não se detém nunca, nos dois sentidos ao mesmo tempo, sempre furtando-se ao presente, fazendo coincidir o futuro e o passado, o mais e o menos, o demasiado e o insuficiente na



simultaneidade de uma matéria indócil. [...] [essa é] a matéria do simulacro. As coisas medidas acham-se sob as Idéias; mas debaixo das próprias coisas não haveria ainda este elemento louco que subsiste, que “sub-vem”, aquém da ordem imposta pelas Idéias e recebida pelas coisas? (p.1-2)

Dessa maneira, utiliza-se, durante esse corpo textual, tipologias de devires alinhadas com a experiência Arapoti. Tais nomes são utilizados entendendo a

[...] tendência de um ser que flui molecularmente, constituindo-se com outras alianças afetivas, rizomáticas, que fazem aquelas formas, ou melhor, partículas delas, escaparem das políticas identitáticas, fugirem do padrão pré-estabelecido, agenciando-se nas bordas, constituindo multiplicidades, desenhando fronteiras em/entre zonas de vizinhança. [...] [um] Movimento em si mesmo, como processo e passagem que atravessa de um estado a outro, que se opõe a contextos fixos e majoritários. (CARNEIRO, 2013, p.77)

Assim, apresenta-se um devir-temporal. A coexistência do passado e do futuro, no mesmo instante. A comunidade Arapoti está resgatando suas memórias do passado nesta presente pesquisa, ancorando ressignificações para caminhos futuros. “O paradoxo deste puro devir, com sua capacidade de furtar-se ao presente, é a identidade infinita: identidade infinita dos dois sentidos ao mesmo tempo, do futuro, do passado, da véspera e do amanhã, ativos e passivo, [...] da causa e do efeito” (DELEUZE, 2007, p.2).

Há também, o devir-ancestral. Percebemos como as memórias trazem à tona a lembrança de práticas educativas que eram realizadas na Casa e que, em sua grande maioria, também faziam parte de um resgate ancestral de um diferente modo de educar e conviver em comunidade.

O filósofo originário Ailton Krenak (2022) traz reflexões importantes sobre as novas formas de educação, embasadas na cultura de povos originários e também em diálogos com educadores que trabalham com outras abordagens de infância:

“(...) já no primeiro ano de vida, todo um aparato de recursos pedagógicos é acionado para moldar a gente. Isso me faz pensar em antigas práticas usadas por diferentes povos deste continente americano para constituir seus coletivos. São práticas ligadas à *produção* da pessoa - o que é muito diferente de moldar alguém -, que entendem que todos nós temos uma transcendência e, ao chegarmos ao mundo, já somos - e o *ser* é a essência de tudo.” (p. 94)

Entre as práticas ancestrais relatadas pelos participantes do Projeto, estão:

- a) A prática de cozinhar e comer as refeições em conjunto e de forma ritualizada. Isso foi explicitado por Manuela, quando menciona o “*respeito com a comida*”. O ritual “*Um, dois, três, gratidão!*”
- b) O brincar livre. Ísis menciona “*o armário de fantasias, a parede de escalada, as piadas*”. Helena fala do “*teatro, dos jogos cooperativos, das brincadeiras de faz de conta e dos brinquedos*”. Luíza ressalta “*o espaço de leitura*”. “*A gente podia brincar*



bastante”, afirma Manuela. Esconde-esconde, alegria, segurança. Há liberdade para inventar; *“ao mesmo tempo que a gente aprendia muita coisa, a gente tava sempre livre, muita liberdade para brincar, para se desenvolver”* (Helena).

- c) As músicas, danças;
- d) O plantar na terra, a horta - citou Helena. O chão, a grama, o subir na árvore - como relembra Ísis.
- e) A fogueira e a lareira;
- f) A forma de cuidado com as crianças. O *“convívio em comunidade”*, como diz Ísis. A mesma coloca que, na Casa, fazia *uma porção de amigos*. Helena, Manuela e Luíza ressaltam também as amizades, e que algumas perduram até hoje.

As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedoras, pois para uns vencerem outros precisam perder. Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Têm o exemplo de uma vida em que o indivíduo conta menos que o coletivo. Esse é o mistério indígena, um legado que passa de geração para geração. O que as nossas crianças aprendem desde cedo é a colocar o coração no ritmo da terra. (KRENAK, 2022 p.117 e 118)

Pela convivência, era potencializado um devir-criança, um devir-educador. Um devir-amor, um devir-comunidade.

A experiência de conviver, atendendo o livre fluxo das interações, que sucedeu na Casa Arapoti, transformou adultos e crianças em pessoas que passaram a acreditar no poder da convivência, quando exercitada com respeito e harmonia. Incluem-se polaridades refletidas nas emoções, tais como alegria e tristeza, exaltação e desalento, medo e coragem.

Se dando no respeito, se dava com amorosidade. O ato de brincar, também vivido em participação pelos adultos, trouxe vigor a essa amorosidade, pois potencializou a confiança das crianças pelos adultos, e o conhecimento e respeito destes por elas. Percebe-se, aí, a reciprocidade que enriquece os relacionamentos: tudo começa no amor e no respeito, mas são esses atributos que, em convivência, alimentam o processo de amar e respeitar.

Noutros termos, nós, humanos, na qualidade de entes biológicos, estamos constitutivamente dotados de uma corporeidade dinâmica que, ao adotar configurações distintas, dá origem a emoções diferentes como disposições corporais dinâmicas diversas. Estas especificam diferentes domínios de ações, os quais constituem por esse meio o fundamento operacional de tudo o que fazemos, inclusive o que chamamos de comportamento, pensamentos e discursos racionais. (MATURANA E VERDEN-ZÖLLER, 1993, p.221).

A corporeidade dinâmica referida por Maturana e Verden-Zöller se evidenciou também nas interações do brincar das crianças, individual e grupal. Percebia-se, ali, a própria constituição, quando, em conversações, discutiam o andamento da brincadeira, ou consigo mesmos, imersos que estavam nesse mundo tão imenso de si. Os domínios de ação do grupo e



das individualidades emergiam nos combinados, nas articulações, na própria liberdade de agir.

As crianças reconhecem o experimentado e as ressonâncias que a liberdade de brincar deixaram no seu desenvolvimento. O/a educador/a coadjuvava o processo com participação ativa e silenciosa, observando, coletando informações sobre as escolhas de ser de cada criança, e sobre o processo de aprendizagem que emergia potente nessa convivência. Como relata Aline: “(...) *Era uma casa de reconhecimento das individualidades, das singularidades, de olhar e abraçar aquilo que é mais autêntico em cada um e dava permissão e conforto de cada um ser o que se é*”.

Não poucas vezes, a intervenção da educadora⁶ acontecia num campo sutil, da *condução de energia*, ferramenta de trabalho muito presente no antigo cotidiano. Suas ações instrumentalizadas possibilitam levar a criança a uma (outra) determinada atitude, sem sofrer comandos violentos ou sem sentidos. É utilizado para traçar limites. Cita-se como exemplo os momentos em que a educadora, em determinada situação, necessitava mudar o foco de atenção da criança, seja por risco ou momentos de alguma vulnerabilidade. Sua instrumentalização pode se dar através de: acolhimento; colo; toque; espaço; diálogo; silêncio.

Havia, também, os conflitos que desencadeavam processos de aprendizagem. Esses, eram trabalhados pela educadora de modo a estabilizar as emoções da criança e levar a um maior entendimento de si, do outro e da situação, sempre de acordo com as possibilidades de sua faixa etária. Em situações mais graves, quando ocorriam agressões verbais e/ou físicas, se constituíam Rodas de Conversa, em círculo, conduzidas pela educadora, em que cada criança tinha oportunidade de trazer seu ponto de vista, com equanimidade de condições na conversa.

Por vezes, o ambiente da Casa Arapoti aparentava um caos. E era. Um caos auto-organizativo. Após uma confusão, efetivamente se estabelecia um processo de revisão e reorganização da dinâmica da convivência entre crianças e educadoras. A aprendizagem se configurava justamente na forma como as crianças se autorregulavam e se reorganizavam, a partir do caos. Como ressalta Helena: “*A gente aprendia a cuidar do que era nosso, deixar tudo organizado*”.

Exemplifico: se o ambiente estava muito desorganizado, a educadora iniciava a arrumação; usualmente, alguma criança aderiu à tarefa. Caso isso não sucedesse, a educadora convidava uma ou outra criança a colaborar, introduzindo uma brincadeira no trabalho de

⁶ Considerando o fluxo da escrita, denominaremos educadora aos agentes educativos de ambos os sexos.



arrumar. Aos poucos, mais crianças iam aderindo e, de forma leve, mas consciente e participativa, a necessária organização se dava.

Como a autonomia era bastante trabalhada, as crianças sabiam qual o momento em que não conseguiam mais dar conta da própria energia e, com a intervenção e condução da educadora, se transformava o estado de coisas.

Esse caos poderia ser interpretado como característica de um espaço sem limites. Mas o limite estava justamente na auto-organização do mesmo pelas próprias crianças (até o ponto que era possível, considerando as características de idade). Consoante ao ambiente de liberdade na Casa, o maior ganho para essas crianças, hoje pré a já adolescentes, talvez seja a liberdade interna de saber escolher a atitude adequada para a harmonia do grupo.

Dadas as ressonâncias da convivência na Casa Arapoti, comprovadas em diversos depoimentos, consideramos que, nesse espaço, as relações se enlaçaram na amorosidade. Como expõe Manuela: *“Eu lembro dos meus amigos, que eu era tratada bem, (...) eu era tratada com respeito”*.

O respeito é percebido pelas crianças como uma forma de amor, pois permite o domínio de uma convivência fluída e alegre. O depoimento de Ísis, corrobora isso:

(...) na Arapoti a gente sempre era tratada com muito amor, com muito carinho. Os cuidadores sempre tavam brincando, em contato com a gente, nunca deixavam a gente de lado e realmente sempre tavam ali, em contato direto, sempre cuidando de tudo que a gente tava fazendo.

Esse cuidado transmitia segurança e carinho, presença e proteção, de tal modo que um grande amor cercava as crianças, autorizando, outrossim, a livre manifestação da essência do ser de cada uma, mesmo que isso desencadeasse conflitos, solicitando trabalho de mediação dos adultos.

Como entender o conviver com as crianças no livre fluxo do brincar, sem trazer à pauta esse ato de amar? Como refere-se Maturana (1998: “amar é aceitar o outro como legítimo outro na convivência” (p. 67).

O amor potencializa também, o pertencimento. Essa é a emoção que percebemos nas relações dentro da Arapoti. Nas convivências entre as crianças, que emergem na memória dos adolescentes e são revitalizadas nos encontros da atual Comunidade de Aprendizagem.

Pertencer é a emoção de fazer parte de relações que se configuram no respeito a todas as opiniões, onde cada agente da convivência enxerga no outro a potência de seu ser e os dons



que tem e, trazendo para o espaço da relação, tendem a fazê-la crescer e se expandir como relação vivencial que é. Isso é corroborado pelo depoimento de Larissa:

(...) uma educação que levasse em consideração a individualidade de cada criança e que respeitasse mais do que conteúdos, que se aprofundasse na inteireza do ser, através da inteligência emocional, através das relações. E foi muito esses anos que eu pude vivenciar isso participando das atividades, eu senti um profundo sentimento de pertencimento.

Segundo a Biologia do Conhecer (MATURANA, 1998) *viver é aprender e aprender é viver*. É no fluxo do conviver que se constroem as aprendizagens (ou não). Se a emoção manifestada é de aceitação, de acolhimento, os estudantes se sentem mais confiantes para aprender. Se a emoção for de negação, de não reconhecimento, se sentem negados, alijados de si, não são perturbados e a aprendizagem não acontece. Percebemos que, mesmo que tendo permanecido pouco tempo vinculados à Casa, as crianças demonstram, ainda hoje, suas perspectivas de aprendizagem vivenciadas.

Por fim, também mantemos que a participação básica original do amor na constituição do modo humano de viver ainda se conserva no desenvolvimento infantil, em sua necessidade de viver em amor para cumprir seu desenvolvimento fisiológico e social normal – sem que importe o que vem acontecendo com nosso emocional adulto em nossa atualidade cultural mais recente.” (Maturana; Verden-Zöller, 1993, p. 226).

Vivemos, na Casa Arapoti, o amor relacional entre seres humanos. Como dizem Maturana e Dávila (2009): “O amar é a única emoção que expande o olhar em todas as dimensões relacionais e amplia o ver, o ouvir, o tocar.”(p. 86). Como emoção relacional, foi uma escolha pedagógica ancorar o amor pelo Planeta Terra como um dos eixos da proposta, quando se propunha a viver a categoria do cuidado (de si, do outro e do mundo). Subir no limoeiro, passar horas conversando lá de cima com os colegas, colher os limões para um suco no lanche foi, talvez, uma das mais importantes aprendizagens de cuidado com a Terra que as crianças puderam usufruir.

Precisamos abrir, aqui/agora, para um devir-cuidado, alinhado a um devir-outro.

Tudo que vive precisa de cuidado. Porém, em nossa sociedade atual, isso parece ter se perdido - ou se deslocado, como afirma o professor e filósofo Leonardo Boff (1999). Segundo o autor, precisamos trazer de volta a relação com a realidade concreta, que oferece cuidado e compaixão em oposição à anti-realidade, que se caracteriza, hoje, pelo excesso de contato virtual e ausência de contato real, trazendo solidão e grandes problemáticas físicas e psíquicas, a nível individual, e também sociais, a nível coletivo.



Em oposição ao que chama de anti-realidade, o filósofo propõe um resgate da essência humana, criando um novo paradigma de convivência, baseado no cuidado.

Em momentos críticos como o que vivemos, revisitamos a sabedoria ancestral dos povos e nos colocamos na escola de uns e outros. Todos nos fazemos aprendizes e aprendentes. Importa construir um novo *ethos** que permita uma nova convivência entre os humanos com os demais seres da comunidade biótica, planetária e cósmica; que propicie um novo encantamento face à majestade do universo e à complexidade das relações que sustentam todos e cada um dos seres. (BOFF, 1999, p.27)

Entre convivências, comunidade, amorosidade e cuidados, cita-se o que foi lembrado por Manuela, na entrevista: a educadora Gabriela percebeu seu apego à um bichinho de pelúcia e, no fim da Casa Arapoti, presenteou a menina com ele. Assim, Manu demonstra, carinhosamente, a efetividade do vínculo entre educadora-criança que a Comunidade Arapotiana inspirava. Seis anos depois, Manuela ainda guarda essa pelúcia (e mostra ela no vídeo, cheia de carinho).

Como diz Freire em seu documentário (2021): “Eu sou muito mais do que um ser no mundo. Eu sou um ser com o mundo e com os outros”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem, sim, outras formas de viver e se relacionar no mundo, que lançam mão da competição, do conflito, da alienação. Formas de conviver onde o outro é respeitado em suas opiniões e escolhas tal como legítimo outro que é, na convivência. Onde os próximos passos do processo são construídos em conversações amigáveis, nas quais a opinião de todos é validada e contribui para o andar coletivo.

Como viver isso em um mundo que se mostra alheio, quando não hostil, a iniciativas que priorizem o ser antes do ter, o conviver ao consumir, o compartilhar ao competir?

A partir da análise das falas aqui construída, consideramos que essa vivência foi muito impactante na vida das pessoas que frequentavam a Casa. Demonstra-se a riqueza prático-teórica, da práxis ressignificada dessa experiência, ressaltando conceitos de diferentes perspectivas: devir, memória, amorosidade, comunidade.

Quantos possíveis devires? Um devir-educador, que transformou os olhares dos adultos com a vida, com a educação e as relações; um devir-criança, capaz de criar, corajosamente, mundos dentro de um mundo; um devir-casa, que aprendeu a ser espaço de aprendizado; um devir-comunidade, que nos inspirou a seguir juntos. Talvez até, um devir-



lembrança-esperança, que sabe que existem outras formas e há de tentar exercê-las, mesmo que de forma não institucional, como ora acontece na Comunidade de Aprendizagem Arapoti.

Agora, a manifestação: as crianças, ousamos dizer, estão em vias de se organizarem como adultos - na inteireza de seu ser. Isso significa: autodeterminados e auto-organizados, responsáveis em suas escolhas e assumindo suas humanas falhas, pertencentes a um meio no qual exercitam as prerrogativas de participação social e ambiental. A síntese gerada pelas discussões da pesquisa permite inferir que atingimos o propósito no ato de educar na Casa Arapoti, e que esse tem potencial para continuar vivo na Comunidade de Aprendizagem, justificando e esperando a revitalização do Projeto.

Passados cinco anos e tendo oportunidade de conviver com as estudantes, agora adolescentes, centradas e ainda alegres meninas, comprovamos o quanto o simples contato com a árvore, com a terra e com o outro podem vir a configurar um futuro de onde o passado emerge em memórias de aprendizados pertinentes, corroborando que viver é aprender sempre. Domínios de ação e convivência onde o respeito pelo outro, como legítimo outro, prepondera. Potencializando a guiar seres humanos responsáveis na construção da vida para todos que desejem viver em harmonia e pertencimento.

A experiência da Casa Arapoti trazia em sua essência o resgate de saberes ancestrais de forma revisitada e ressignificada, para que tivessem coerência com a realidade da época em que foram colocados em prática. Assim, podemos observar um paralelo entre passado, presente e futuro, sendo de grande relevância falarmos sobre algumas temáticas referentes ao ser criança no tempo presente e a novas possibilidades de educação a se construírem.

Indo em oposição à lógica educacional vigente, o currículo pedagógico que constituía a Casa Arapoti buscava trazer aos estudantes, através das atividades propostas, uma conexão mais profunda com eles mesmos. Isso se dava, como já foi exemplificado anteriormente, através de inúmeras práticas que traziam de volta saberes ancestrais de conexão com a terra, com a arte e com a profunda compaixão, respeito e cuidado para com todos os seres. Acreditavam as educadoras, mães, pais e agentes educativos envolvidos no projeto, que não é apenas o currículo conteudista o mais essencial, mas sim um currículo que agregue habilidades pertinentes ao convívio em comunidade, à inteligência emocional e ao cuidado consigo mesmo, com a terra e com todas as nossas relações.

Dessa forma, concluímos afirmando a significância da experiência aos envolvidos, transformando essa vivência em aprendizado consciente. O que na época era uma hipótese,



quando perguntavam-se as educadoras se existiriam frutos futuros daquilo que estava sendo plantado, hoje, seis anos depois, se comprova nessa pesquisa.

Do ponto de vista teórico-acadêmico, esse texto abre discussões sobre sua práxis-pedagógica, ao confrontar modelos tradicionais de pensar e viver a educação e a coletividade. Pensa em outras ferramentas, instrumentos, que conectam contextos, ações, sujeitos. Possui capacidade intelectual, que alinha elementos incorporais e ancestrais na prática pedagógica.

A experiência do passado, a revitalização do presente e a reconstrução futura da Comunidade Arapoti tem alto potencial educativo, capaz de gerar aprendizagens para o futuro, contribuindo para uma visão de mundo mais humana, ética e integrada.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: **Vozes**, 1999.

CARNEIRO, Altair de Souza. Deleuze e Guattari: uma ética dos devires - **Mestrado em Filosofia**, 2013 (p. 77 a 79).

DELEUZE, G. Lógica do sentido. São Paulo: **Perspectiva**, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1992.

KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2022.

MATURANA, Humberto Romesín. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto Romesín; DÁVILA, Ximena Yáñez. **Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural**. São Paulo: **Palas Athena**, 2009.

MATURANA, Humberto Romesín. VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo, Ed. **Palas Athena**, 1993.

MATURANA, Humberto Romesín; VARELA, Francisco J. Garcia. De máquinas e seres vivos: autopoiese – a organização do vivo. **Porto Alegre: Artes Médicas**, 1997.

MONTEIRO, Katani Maria Nascimento; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. Vozes de Vila Seca. Caxias do Sul: **Belas Letras**, 2014.

PAULO FREIRE, Um Homem do Mundo. Direção: Cristiano Burlan. Produção: SescTV. São Paulo: **Sesc Digital**, 2021. Disponível em: <https://sesc.digital/colecao/paulo-freire-um-homem-do-mundo>.

